SEMINÁRIO DIVERSIDADE E DIFERENÇA COMO LUGAR DE VISIBILIDADE A QUESTÕES DE GÊNERO ENVOLVENDO SOCIEDADE E EDUCAÇÃO

Eixo Temático 28 - Narrativas, Gêneros, Sexualidades E Educação: Encontros Insurgentes

Larissa Fonseca Costa[1]
Gerlândia de Castro Silva Thijm[2]
Juliana de Casto Silva[3]
Amanda da Costa Chaves[4]

RESUMO

Este trabalho apresenta estratégias para fomentar o debate sobre gênero, diversidade e diferença entre universidade e sociedade, por meio de ações extensionistas voltadas à valorização de meninas e mulheres nas ciências. A partir de um seminário com mesas e painéis expositivos e de uma pesquisa qualitativa com mulheres representantes de diversos movimentos sociais, foram identificadas as dificuldades de ser e existir como mulher dentro e fora da universidade. Os dados revelam práticas de exclusão e violência, evidenciando o seminário como espaço de visibilidade, escuta e proposição de políticas para o enfrentamento da misoginia e das desigualdades de gênero.

Palavras-chave: Gênero; Meninas e mulheres; Sociedade; Universidade.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresenta-se o “Seminário Diversidade e Diferença” como tablado de promoção de espaços para a problematização da diferença e empatia da diversidade como pleitos caros para o campo da Educação, assentando em tela a inclusão social a partir do enfoque de distintos atores representativos da temática integrados no espaço acadêmico e no âmbito municipal possibilitando uma visão política de inclusão.

O enfoque dado neste estudo é a visibilidade a questões de gênero vinculada à interseccionalidade. Assim, o estudo, além de descrever estratégias para fomentar o debate sobre gênero, diversidade e diferença entre universidade e setores da sociedade a partir da experiência com atividades integradoras de uma proposta investigativa e extensionista voltada

[1] Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará- UFPA, larissafonse2002@gmail.com;
[2] Doutora docente do Curso de Matemática da Universidade Federal do Pará- UFPA, gerlandia@ufpa.br;
[3] Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará- UFPA, julianasilva.jc100@gmail.com;
[4] Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará- UFPA, amandacostachaves15@gmail.com;

à abordagem sobre meninas e mulheres nas ciências, relata a pesquisa feita com mulheres participantes da ação extensionista.

O trabalho de campo, portanto, é subdividido em dois momentos: a efetivação da proposta de intervenção por meio do seminário, com mesas de debates e painéis expositivos, e, o levantamento, posterior, de dados através de uma abordagem descritiva que toma como instrumento de coleta o questionário em plataforma virtual, seguido de entrevista, direcionado para representantes de movimento LGBTQIA+; representantes de movimento urbanos de mulheres; mulheres indígenas; mulheres quilombolas; mulheres do movimento negro; mulheres campesinas estudantes.

Os resultados apontam as dificuldades de meninas e mulheres dentro e fora da universidade, com destaque à violência sofrida por elas, tanto em âmbito urbano, como em comunidades, com reflexo em instituições como a universidade, sendo o seminário um lugar de visibilidade, problematização e proposição de agendas envolvendo questões de gênero, para o combate à misoginia, o ódio, desprezo, preconceito e a violência velada ou assumida contra mulheres ou meninas.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Para alcance dos objetivos o trabalho é do tipo investigativo, considerando como estratégia a ação extensionista. Assim, a abordagem é subdividida em dois momentos: a efetivação da proposta de intervenção por meio do “Seminário Diversidade e Diferença”, com mesas de debates e painéis expositivos, e o levantamento de informações através de um estudo que toma como instrumento de coleta o questionário em plataforma virtual, seguido de entrevista narrativa.

No ano de 2024, já com a proposta de ocorrer anualmente, o seminário, vinculado à Universidade Federal do Pará, campus de Castanhal, tomou como pano de fundo o protagonismo das minorias sociais na educação, reunindo em mesas e fóruns de discussão representantes de movimento LGBTQIA+; representantes de movimento urbanos de mulheres; mulheres indígenas; mulheres quilombolas; mulheres do movimento negro; mulheres campesinas e estudantes.

Após os depoimentos e debates iniciados com as mesas e painéis propostos no seminário, seis convidadas foram motivadas a participar de pesquisa com utilização de questionário virtual com uso do *google forms*.

O questionário semiestruturado foi composto por, 10 questões, as quais analisaremos 5 neste estudo, devido a limitação de caracteres.

Manteve-se o anonimato no trabalho com as narrativas, com o objetivo de protegeras identidades e assegurar a liberdade de expressão sem receios ou constrangimentos. As perguntas foram abertas, permitindo, como destaca Mattos (2020), que narrativas fossem construídas, para além do protocolo.

Para a análise das informações foram examinadas por meio da análise do discurso foucaultiana, visando evidenciar como as meninas e mulheres constroem sentidos a partir de relações de saber-poder, revelando as formas sutis e explícitas pelas quais a opressão e a resistência se manifestam em seus discursos.

REFERENCIAL TEÓRICO

O acesso das mulheres à universidade, enquanto espaço historicamente marcado pelo poder masculino, não foi concedido gratuitamente, mas conquistado por meio de lutas sociais e políticas que enfrentaram séculos de preconceito e silenciamento. Além disso, temas como gênero e sexualidade foram inseridos de forma mínima e marginal no currículo acadêmico.

De acordo com Silva (2018), essa ausência contribui para a reprodução de discursos que sustentam a representação de um único modelo de mulher, alinhado a um contexto hegemônico.

Apesar de, no cenário atual, as mulheres já poderem ocupar esse lugar de poder, sua permanência ainda é atravessada por questões de gênero, que, como aponta d'Oliveira (2019), se entrelaçam com outras formas de opressão e exclusão.

Desse modo, torna-se urgente pensar a existência das mulheres a partir de uma abordagem interseccional.

Conforme Crenshaw (2004, p. 10): "A intersecionalidade sugere que, na verdade, nem sempre lidamos com grupos distintos de pessoas e sim com grupos sobrepostos".

Assim, não se trata de focalizar um grupo específico de mulheres, mas de compreender como marcadores como classe, orientação sexual, raça e etnia se entrelaçam nas experiências vividas pelos diferentes tipos de mulheres, produzindo formas particulares de opressão e resistência dentro e fora da universidade.

Teixeira *et al*. (2024), ao evidenciar as dificuldades enfrentadas pelas mulheres indígenas, destaca que aquelas pertencentes a grupos identitários encontram-se em condições

ainda mais acentuadas de marginalização na sociedade. Essa constatação evidencia a urgência de se adotar uma perspectiva interseccional nas discussões sobre gênero.

Uma das estratégias para valorizando as vozes, experiências e modos diversos de produzir conhecimento de meninas e mulheres são fóruns de debates na esfera da diversidade e da diferença. E para isso os "seminários" constituem ferramentas importantes:

> A elaboração de um seminário caracteriza-se por explicar um conteúdo ou transmitir as informações sobre determinado assunto, para isso, exigem-se algumas habilidades, como a leitura, a seleção do que se pretende demonstrar, a formulação de um texto, uma preparação de como irá se comunicar. Essa produção não deve acontecer em forma de improvisação. Para tanto, necessita de uma intervenção do professor, delimitando o tema, incentivando a exploração de informações coerentes, identificando-os pontos mais importantes do que foi proposto, distinguindo as ideias principais e a elaboração de um roteiro para uma apresentação eficaz. (Cherritte e Dutra, 2020, p. 4)

Deste modo, provocar discussões sobre questões de gênero e diversidade na universidade, por meio de diversificadas metodologias, é uma estratégia contra hegemônica para fomentar o espaço às mulheres, além de ser um instrumento contra o preconceito e diferentes formas de violência que, por muito tempo, elas sofrem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As formações discursivas e enunciados permitiram agrupar ou recortar gumas tensas manifestações sobre abertura dentro da universidade para reconhecer e acolher as múltiplas dimensões da sua identidade. É o que se verifica nos recortes M3 e M6.

> *No curso de Pedagogia, existe um sexismo alojado devido ao ato de cuidar e a relação com a profissão com a maternidade, por isso sua maioria é composta por mulheres. Devido a isso, não presenciei atos machistas ou opressores quanto a colegas de curso. Porém já vivenciei momentos inoportunos quanto a minha maternidade vinda de atitudes de docentes, como quando minha filha estava internada no hospital e não tive justificativa de falta de um professor homem. Também presenciei um professor homem querer ditar os atos nos quais as mulheres devem seguir e como devemos agir em certas circunstâncias.* (M3).
>
> *Aparentemente sim, mas acho que falta mais apoio que seja evidente de fato.* (M6).

De modo semelhante, uma vez considerada a hipótese de os aspectos da identidade, como gênero, raça, classe social, território, orientação sexual, influenciarem nas vivências de exclusão ou resistência dentro e fora da universidade, a questão raça ou a origem quilombola é muito representativa:

> *Em minha percepção vai muito para o lado da minha cor de pele e por ser mulher e minha condição financeira. Acredito que esses três fatores têm somado bastante na minha luta diária dentro e fora da universidade, até porque, o espaço acadêmico não foi tão bom assim para mim.* (M1)
>
> *Como mulher quilombola, os aspectos que mais influenciam minhas vivências de exclusão e resistência na universidade são a raça, o gênero, a classe social e o território. A raça e o gênero geram barreiras de preconceito, especialmente em um ambiente acadêmico predominantemente branco e masculino. A classe social dificulta o acesso a recursos e espaços acadêmicos, enquanto o território, ligado à minha origem quilombola, me coloca em uma posição marginalizada, mas também me fortalece na luta por reconhecimento e visibilidade. Esses fatores geram tanto exclusão quanto resistência na minha trajetória universitária* (M2).

No entanto, formas de exclusão, preconceito ou violência relacionadas às identidades, em espaços acadêmicos ou sociais, são atravessadas por diferentes episódios, que vão desde a situação de ser mulher, por exemplo, com a vinculação à uma crença religiosa:

> *Constantemente, as piadas sobre o "sexo frágil" estão cada vez mais sutis, ou mais enraizadas nas mais diversas conversas, principalmente onde há uma presença masculina de superioridade* **(**M4**).**
>
> *Todas as vezes em que eu menciono meu segmento de crença, as pessoas expressam um medo ou incômodo, e muitas vezes tenho que ouvir a seguinte frase "mas você não pensa em aceitar Jesus na sua vida?". As pessoas fazem essas perguntas pensando que não existe Jesus na minha vida, justamente por associarem as religiões de matriz africana como se fosse do "diabo"* (M5).

Estas questões, quando trazidas para os debates do “Seminário de Diversidade e Diferença” contribuem para o fortalecimento do diálogo entre a universidade e os movimentos sociais de mulheres, demarcando lugares de pertencimento:

> *Acredito que tenha sido um momento de representatividade e de enriquecimento para todos e principalmente, para nós que ainda não nos sentimos pertencentes ao espaço acadêmico. Esse pequeno evento, foi um dos poucos momentos que nos fizeram nos pertencer ainda que de forma singela pertencentes e participantes do mundo acadêmico. (Falo isso, pois minhas amigas comentamos sobre isso)* (M1)
>
> *Participei como palestrante e pude expressar minha trajetória, isso foi de extrema importância para mim e toda minha caminhada, foi como um afago para todas as minhas lutas, como se eu estivesse vendo que pessoas estavam me observando e se inspirando em mim* (M3).

As formções discursivas M3 e M6 demonstram que a universidade ainda precisa trabalhar para garantir um espaço mais inclusivos para as mulheres. O enunciado M3 denuncia o apagamento do saber feminino e também os esteriótipos ligados ao cuidar. Ao ser uma mulher, estudante e mãe, ela rompe com os esteriótipos de que o papel da mulher é apenas este último (ser mãe).

Como aponta d'Oliveira (2019) o pertencimento da mulher dentro da universidade ainda é marcado por práticas que desconsideram as especificidades de seus itinerários.

Ao se dar ênfase a interseccionalidade, as formações discursivas M1 e M2 destacam como os fatores raça, gênero, classe social e território se entrelaçam e dificultam a existência dentro e fora da universidade. A M2 exemplifica bem a intersecção ao dizer que sua identidade quilombola a coloca em uma posição de marginalização e resistência, reforçando o que afirma Teixeira *et al*. (2024) sobre a condição agravada das mulheres pertencentes a grupos identitários marginalizados.

A discriminação, o preconceito e a exclusão afetam as mulheres de forma diferente, sendo mais intensos quanto mais marcadores identitários elas possuirem Crenshaw (2004). Uma mulher branca, de classe média e urbana enfrenta desafios distintos dos vividos por mulheres negras, quilombolas, baixa renda e de religiões não cristãs. Essa última tem suas identidades marcadas por aspectos não tradicionais.

As experiências descritas M4 e M5 materializam as práticas de exclusão veladas e simbólicas, como piadas sobre o "sexo frágil" ou o preconceito religioso. E evidenciam a permanência de uma cultura tradicional e normativa dentro dos espaços acadêmicos, como alerta Silva (2018), que defende a importância de inserir temas como gênero e diversidade no currículo universitário para romper com esses pensamentos tradicionalistas que deslegitimam a diversidade cultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Seminário Diversidade e Diferença se constituiu como um espaço legítimo para que meninas e mulheres — representantes do movimento LGBTQIA+; movimentos urbanos de mulheres; mulheres indígenas, quilombolas, do movimento negro, campesinas e estudantes — pudessem se posicionar enquanto acadêmicas, pesquisadoras e cientistas, considerando suas particularidades de existir enquanto mulher.

O evento teve como propósito central promover a escuta e capturar enunciados que compõem uma narrativa de resistência e persistência frente à violência, ao preconceito, à misoginia e às múltiplas dificuldades enfrentadas por grupos que são socialmente excluídos.

Portanto, garantir o pertencimento das mulheres na universidade é mais do que permitir sua entrada: é reconhecer sua presença, ouvir suas vozes e transformar o espaço acadêmico em um lugar de justiça, respeito e diversidade.

É o momento, portanto, de visibilizar estratégias, metodologias e trabalhos acadêmicos que permitam consolidar os lugares de fala.

REFERÊNCIAS

CHERRITTE, Alessandra e DUTRA, Alessandra. Produção do gênero seminário por alunos do Ensino Técnico: contribuição do recurso digital App escolar. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico.** v. 6, e115420, 2020. Disponivel em: https://orcid.org/0000-0002-9813-1249 Acesso em: 23 fev. 2025.

CRENSHAW, Kimberle. A Intersecionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2004. Disponível em:< www.unifem.org.br/sites/1000/1070/00000011.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2025.

D'OLIVEIRA, Ana. Invisibilidade e banalização da violência contra as mulheres na universidade: reconhecer para mudar. **Interface (Botucatu)**. 2019. Disponível em: <Invisibilidade e banalização da violência contra as mulheres.pdf>. Acesso em: Acesso em: 18 abr. 2025.

MATTOS, Sandra. **Conversando sobre Metodologia da Pesquisa Científica**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

SILVA, Márcia. A incorporação da temática de gênero e diversidade na academia: por uma ecologia de saberes na universidade**. Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 70, p. 293-307. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.58317>. Acesso em: 20 abr. 2025.

TEIXEIRA, Carisia; *et al*. Mulheres indígenas e a interseccionalidade no âmbito do direito internacional. **Journal of Media Critiques**. Brazil, v. 10, n. 26, p. 01-16, 2024. Disponível em: <artigo_mulheres_indígenas[1].pdf>. Acesso em: 19 abr. 2025.